

CAITLIN MORAN

# Do que é feita uma garota

*Tradução*  
Caroline Chang



Copyright © 2014 by Caitlin Moran  
Proibida a venda em Portugal

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

How to Build a Girl

*Capa e colagem de capa*

Milena Galli

*Preparação*

Julia de Souza

*Revisão*

Isabel Jorge Cury

Luciane Helena Gomide

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Moran, Caitlin

Do que é feita uma garota / Caitlin Moran ; tradução Caroline Chang — 1<sup>a</sup> ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2015.

Título original: How to Build a Girl.

ISBN 978-85-359-2599-9

1. Ficção inglesa I. Título.

15-03716

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura inglesa 823

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

PARTE UM  
UMA PÁGINA EM BRANCO

# Um

Estou deitada na cama, ao lado de meu irmão Lupin.

Ele tem seis anos. Está dormindo.

Eu tenho catorze. Não estou dormindo. Estou me masturbando.

Olho para meu irmão e penso, nobremente, “Isso é o que ele iria querer. Ele ia querer que eu ficasse feliz”.

Afinal de contas, ele me ama. Ele não ia querer que eu ficasse estressada. E eu o amo — embora eu tenha que parar de pensar nele enquanto me masturbo. Parece errado. Estou tentando ficar com tesão. Não dá para ter irmãos vagando pelos meus rincões sexuais. Tudo bem, estamos dividindo uma cama esta noite — ele saiu de sua bicama à meia-noite, chorando, e entrou na minha e se deitou ao meu lado —, mas não podemos dividir um rincão sexual. Ele precisa sair da minha mente.

“Preciso fazer isso sozinha”, digo para ele, com firmeza, mentalmente — colocando um travesseiro entre nós dois, para ter um pouco de privacidade. Este é o nosso pequeno e amigável Muro de Berlim. Adolescentes sexualmente ativas de um lado

(Alemanha Ocidental), meninos de seis anos do outro (Europa comunista). A fronteira tem de ser mantida. É de bom-tom.

Não é de admirar que eu precise me masturbar — o dia de hoje foi muito estressante. O Velho não ficou famoso, de novo.

Depois de ficar desaparecido por dois dias, ele voltou esta tarde, logo depois do almoço, com o braço em volta de um rapaz desgrenhado, o rosto cheio de abscessos, com um terninho cinza reluzente e uma gravata rosa.

“Isso, *caralho*”, meu pai diz, afetuoso, “é o nosso futuro. Digam oi para o futuro, criança.”

Todos nós dissemos oi para o caralho, nosso futuro.

No corredor, nosso pai nos informou, em meio a uma nuvem de Guinness, que achava que o rapaz era um olheiro de talentos de uma gravadora de Londres, chamado Rock Perry — “mas ele também atende por Ian”.

Olhamos mais uma vez para o sujeito, sentado no nosso sofá rosa e arruinado, na sala. Rock estava muito bêbado. Estava com a cabeça apoiada nas mãos, e sua gravata, que parecia ter sido colocada por um inimigo, estrangulava-o. Ele não tinha cara de futuro. Tinha cara de 1984. Em 1990, isso significava algo muito antigo — até mesmo em Wolverhampton.

“Toque isto direito e nós vamos ficar *milionários*, porra”, nosso pai disse, num sussurro alto.

Corremos até o jardim para comemorar — eu e Lupin. Brincamos no balanço juntos, planejando nosso futuro.

Porém, minha mãe e meu irmão mais velho, Krissi, ficaram em silêncio. Eles já tinham visto o futuro chegar à nossa sala — e dar no pé. O futuro sempre tem nomes diferentes, e roupas diferentes, mas a mesma coisa acontece, vez após outra: o futuro só vem à nossa casa quando está bêbado — porque o futuro pre-

cisa, de algum jeito, ser persuadido a nos levar consigo, ao ir embora. Precisamos nos esconder sob o casacão de pele do futuro, feito carrapichos — todos os sete —, e pegar carona na sua traseira, para fora daquela casa minúscula e voltar a Londres, à fama, à gente rica, às festas, aonde nós pertencemos.

Até então, isso nunca tinha acontecido. O futuro sempre acabava em algum momento saindo porta afora sem nós. Então estávamos encalhados, em uma moradia popular em Wolverhampton, havia treze anos — esperando. Cinco filhos agora — os gêmeos não programados têm três semanas de vida — e dois adultos. Temos que sair daqui logo. Deus, precisamos sair daqui logo. Não podemos aguentar ser pobres e desconhecidos por muito mais tempo. Os anos 90 são uma época terrível para ser pobre e desconhecido.

Em casa, as coisas já estão saindo errado. A ordem que minha mãe sussurrou para mim, “Vá para a cozinha e reforce aquele molho à bolonhesa com ervilhas! Temos visita!”, significa que acabo de servir um prato de macarrão para Rock — ensaio uma reverência enquanto entrego o prato — que ele vai jogando boca adentro com toda a paixão de um homem que quer desesperadamente ficar sóbrio, apenas com o auxílio de ervilhas miúdas.

Com Rock absorto no prato quente sobre seus joelhos, meu pai está agora à sua frente, em pé, um pouco trôpego, fazendo o seu papel. Conhecemos o papel de cor.

“Você nunca *diz* o papel”, o Velho explicara muitas vezes. “Você *é* o papel. Você *vive* o papel. O papel é quando você faz eles saberem que você é um *deles*.”

Debruçando-se sobre o convidado, meu pai está segurando uma fita cassete na mão.

“Filho”, ele diz. “Parceiro. Permita que eu me apresente. Sou um homem de... bom gosto. Rico, não. Ainda não — hahaha. E juntei vocês todos aqui hoje para lhes mostrar um pouco de verdade. Porque há três homens sem os quais nenhum de nós estaria aqui hoje”, ele continua, tentando abrir a caixa de fita cassete com seus dedos inchados de bebida. “A Santa Trindade. O alfa, o ípsilon e o ômega de todas as pessoas esclarecidas. O Pai, o Filho e o Espírito Santo. Os únicos três homens a quem amei. Os três Bobbies: Bobby Dylan. Bobby Marley. E Bobby Lennon.”

Rock Perry levanta os olhos para ele — tão confuso quanto nós ficamos quando papai nos disse isso tudo pela primeira vez.

“O que todo e qualquer músico que se preze neste mundo está tentando fazer”, papai continua, “é atingir aquele ponto de poder chegar naqueles putos no bar e dizer, estou te ouvindo, cara. Estou te ouvindo, cara. Mas você está *me* ouvindo? Você diz para eles, ‘Você é um *buffalo soldier*, Bobby. Você é Mr. Tambourine Man, Bobby. Você é a porra da morsa, Bobby. Eu sei disso. Mas eu — eu sou Pat Morrigan. Eu sou *isto*’.”

Meu pai finalmente consegue tirar a fita da caixa e a agita diante de Rock Perry.

“Sabe o que é isso, meu chapa?”, ele pergunta a Rock Perry.

“Uma fita de noventa minutos?”, Rock pergunta.

“Meu filho, estes são os últimos quinze anos da minha vida”, papai responde. Ele enfia a fita nas mãos de Rock. “Não parece, não é? Não dá para imaginar que seria possível segurar a vida inteira de um homem nas mãos. Mas é isso o que você tem aí. Acho que isso faz de você uma porra de um gigante, meu rapaz. Você gosta de se sentir um gigante?”

Rock Perry olha, inexpressivamente, para a fita cassete em suas mãos. Ele parece um homem que está se sentindo bastante confuso.

“E sabe o que vai fazer de você um *rei*? Lançar isto aqui, e vender dez milhões de cópias, em compact disc”, papai diz. “É como alquimia. Você e eu podemos transformar nossas vidas em três malditos iates cada, e um Lamborghini, e mais xoxotas do que seria possível afugentar com galho. Música é como mágica, cara. A música pode mudar a sua vida. Mas, antes disso — Johanna, sirva um drinque para este senhor.”

Papai agora está falando comigo.

“Um drinque?”, pergunto.

“Na cozinha, na cozinha”, ele diz, irritado. “As bebidas estão na cozinha, Johanna.”

Vou até a cozinha. Mamãe está parada ali, em pé, exausta, segurando um bebê.

“Vou me deitar”, ela diz.

“Mas papai está prestes a fechar um contrato para um disco!”, digo.

Mamãe faz o mesmo som que, anos mais tarde, tornaria Marge Simpson famosa.

“Ele pediu para eu pegar um drinque para Rock Perry”, digo, levando o recado com toda a urgência que sinto que merece. “Mas não temos nenhuma bebida, temos?”

Minha mãe gesticula, com um cansaço infinito, na direção do aparador sobre o qual repousam dois grandes copos com Guinness até a metade.

“Ele trouxe há pouco. Nos bolsos”, ela diz. “Junto com aquele taco de bilhar.”

Ela aponta para o taco de bilhar, roubado do Red Lion, que está agora encostado contra o fogão. Na nossa casa, parece tão perdido quanto um pinguim.

“Estava nas suas calças. Não sei como ele faz isso”, ela suspira. “Ainda temos um da última vez.”

É verdade. Já temos um taco de bilhar roubado. Como não

temos uma mesa de bilhar — nem mesmo o papai consegue roubar uma coisa dessas —, Lupin tem usado o primeiro taco como o cajado de Gandalf, sempre que brincamos de *O senhor dos anéis*.

Essa conversa sobre taco de bilhar é interrompida quando, lá na sala, há um súbito aumento de volume. Reconheço a música no mesmo instante — é a última fita demo de papai, uma música chamada “Dropping Bombs”. A sessão começou, é óbvio.

Até bem pouco tempo antes, “Dropping Bombs” havia sido uma balada de meio-tempo — mas então papai descobriu a configuração de “reggae” no seu teclado Yamaha — “A porra do botão do Bob Marley! Yes! Vamos lá!” — e a retrabalhou.

É uma das “músicas políticas” de papai, e é muito emocionante: os três primeiros versos são escritos do ponto de vista de uma bomba nuclear sendo largada sobre mulheres e crianças no Vietnã, na Coreia e na Escócia. Durante três versos, a bomba impassivelmente imagina a destruição que vai causar — destruição narrada por papai com um efeito robotizado no microfone.

“*Your skin will boil/ And the people will toil/ To make sense of it all/ And crops from burnt soil*”,\* o robô-bomba diz, com tristeza.

No último verso, a bomba de repente se dá conta dos erros que está cometendo, rebela-se contra as forças americanas que a construíram e decide explodir em pleno ar — chovendo sobre os atônicos, cobrindo as pessoas lá embaixo com arco-íris.

“*I was blowing people up — but not I'm blowing minds*”,\*\* diz o último refrão, acompanhado por um *riff* assustador tocado no ritmo do teclado Yamaha número 44: “Flauta oriental”.

Papai acha que é sua melhor música — ele a tocava para nós todas as noites, antes de irmos para a cama, até que Lupin

\* “Sua pele vai ferver/ E as pessoas vão dar duro/ Para extrair algum sentido disso tudo/ E safras do solo queimado.” (N. T.)

\*\* “Eu estava explodindo gente — agora arejo mentes.” (N. T.)

começou a ter pesadelos sobre crianças em chamas e voltou a molhar a cama.

Vou até a sala, carregando dois copos pela metade, fazendo uma medida e esperando encontrar Rock Perry loucamente entusiasmado com “Dropping Bombs”. Em vez disso, encontro papai gritando com Rock Perry.

“Isso é inaceitável, cara”, ele esbraveja, por cima da música.  
“Isso é *inaceitável*.”

“Desculpe”, Rock diz. “Eu não quis...”

“Nã”, papai diz, balançando a cabeça devagar. “Nã, não se pode dizer isso. Simplesmente não se diz.”

Krissi, que estivera sentado no sofá esse tempo todo — seguindo o frasco de ketchup, caso Rock Perry quisesse molho de tomate —, me atualiza, num sussurro. Aparentemente, Rock Perry comparou “Dropping Bombs” a “Another Day in Paradise”, de Phil Collins, e papai ficou furioso. O que é curioso, pois papai na verdade gosta bastante de Phil Collins.

“Mas ele *não é um Bobby*”, papai está dizendo — lábios apertados e ligeiramente espumantes. “Estou falando da *revolução*. Não tô brincando — sem essa de *no jacket required*. Não dou a mínima para paletós. Eu não *tenho* um paletó. Não exijo que você não exija um paletó.”

“Desculpe — eu só quis dizer — na verdade gosto bastante de Phil Collins...”, Rock está dizendo, de um jeito de dar dó. Mas papai já arrancou dele o prato de espaguete e o está empurrando na direção da porta.

“Vá embora, seu imbecil”, ele diz. “Vá. Imbecil. Caia fora.”

Rock fica parado junto à porta, hesitante — sem saber se aquilo é uma piada ou não.

“Não — pode *cair fora*”, meu pai repete. “Você — foda-se, caia fora.”

Ele fala isso com um sotaque chinês. Não sei bem por quê.

No corredor, minha mãe se aproxima de Rock.

“Por favor, me desculpe”, minha mãe diz, com um ar experiente.

Ela olha em torno, buscando alguma maneira de melhorar as coisas — então apanha uma penca de bananas, de um cesto próximo da entrada. Sempre compramos frutas em grandes quantidades, no atacado. Meu pai tem um cartão de identidade falsa, que confirma aos funcionários do mercado que ele tem uma vendinha no vilarejo de Trysull. Meu pai não tem uma vendinha no vilarejo de Trysull.

“Por favor. Leve isto aqui.”

Por um momento, Rock Perry fita minha mãe, que estende a ele uma penca de bananas. Ela está no primeiro plano de seu campo de visão. Atrás dela está meu pai, cuidadosamente aumentando até o máximo todos os botões do seu estéreo.

“Só... uma?”, Rock Perry diz, tentando parecer razoável.

“Por favor”, minha mãe diz, enfiando toda a penca na mão dele.

Rock Perry pega as bananas — claramente ainda em profundo choque — e começa a descer os degraus da nossa entrada. Está no meio do caminho quando meu pai surge na soleira.

“Porque — É ISSO O QUE EU FAÇO!”, ele grita para Rock.

Rock dá início a um suave trote de retirada e atravessa a rua apressado, ainda segurando as bananas.

“É ISSO O QUE EU FAÇO! ISSO SOU EU!”, papai continua gritando, do outro lado da rua. As cortinas de filó dos vizinhos estão se mexendo. A sra. Forsyth está na rua, na soleira da sua porta, com sua costumeira desaprovação. “ESSA É A PORRA DA MINHA MÚSICA! ISSO É A MINHA ALMA!”

Rock Perry vai até a parada de ônibus, mais adiante na rua, e se agacha bem devagar, até se esconder atrás de um arbusto. Ele fica assim até o 512 chegar. Eu sei porque subo, com Krissi, e o observamos da janela do nosso quarto.

“Que desperdício de seis bananas”, Krissi diz. “Eu podia comer essas bananas com sucrilhos a semana toda. Ótimo. Outro café da manhã irremediavelmente insosso.”

“A PORRA DO MEU CORAÇÃO!”, meu pai ruge, depois que o ônibus parte — golpeando o peito com o punho. “Sabe o que você está deixando para trás aqui? A PORRA DO MEU CORAÇÃO.”

Meia hora depois da gritaria — quando “Dropping Bombs” termina, depois do triunfante final, com doze minutos de duração —, meu pai volta a sair.

Ele sai para reabastecer seu coração, no mesmo pub em que encontrara Rock Perry.

“Talvez ele esteja indo ver se Rock deixou para trás um irmão gêmeo que também possa ser destratado?”, Krissi diz, causticamente.

O Velho só volta para casa à uma da manhã. Sabemos quando ele chega em casa, porque o ouvimos bater a van contra a árvore lilás, na entrada. O câmbio desengata, com um rangido característico. Conhecemos o som do câmbio de uma Kombi Volkswagen desengatando. Já ouvimos muitas vezes antes.

De manhã, descemos e encontramos, no meio da sala, uma grande estátua de concreto, no formato de uma raposa. A estátua não tem cabeça.

“É o presente de bodas da mãe de vocês”, papai explica, sentado na escadinha da porta dos fundos, fumando e usando meu robe rosa, que é pequeno demais para ele e deixa seus testículos à vista. “Amo a mãe de vocês pra caralho.”

Ele fuma e olha para cima, para o céu. “Um dia, seremos todos reis”, diz. “Sou o filho bastardo de Brendan Behan. E todos esses filhos da puta vão se dobrar para mim.”

“E Rock Perry?”, pergunto, depois de um minuto ou dois durante os quais consideramos esse futuro inevitável. “Ele vai dar notícias?”

“Não lido com merdas, menina”, meu pai diz, autoritário, puxando o robe para cobrir as bolas e dando outra tragada no cigarro.

Descobrimos mais tarde — por meio do tio Aled, que conhece um cara que conhece um cara — que Rock Perry é, na verdade, um homem chamado Ian, que não é um olheiro de talentos de uma gravadora, e sim, na verdade, um vendedor de cutelaria, de Sheffield, e o único “negócio” que ele jamais poderia conseguir para nós é um conjunto de oitenta e oito peças de faqueiro galvanizado, cinquenta e nove libras, com juros anuais de 14,5%.

Então é por isso que estou deitada na cama, ao lado de Lupin, tocando essa siriricazinha silenciosa. Meio por estresse, meio por prazer. Pois eu sou, conforme registrei em meu diário, uma “romântica incurável”. Se não posso sair com um garoto — tenho catorze anos, nunca saí com um garoto —, então pelo menos posso ter um encontro romântico comigo mesma. Um encontro na cama, i.e.: uma siririca.

Eu gozo — pensando no personagem de Herbert Viola em *A gata e o rato*, que eu acho que tem um rosto meigo —, volto a baixar minha camisola preta, dou um beijo em Lupin, adormecido, e trato de dormir.